

Quércia promove seminário para animar o partido

Da Sucursal

São Paulo — Já conforçado com a saída dos progressistas do PMDB paulista, o governador Orestes Quercia resolveu organizar junto com a Executiva Regional do Partido o simpósio "A Nação, o PMDB e o Futuro", no Palácio de Convenções do Anhembi, como primeiro passo para reabilitação da legenda. As propostas colhidas nesse evento farão parte da "Carta de São Paulo" que será encaminhada à convenção nacional.

Esta investida do governador paulista já começa a despertar ciúmes em seus colegas de outros estados, como Newton Cardoso, embora a maioria deles já esteja confirmando a presença. Além dos governadores, o PMDB de São Paulo reunirá ministros e lideranças políticas do partido de todas as partes do País, numa tentativa de demonstrar força frente a organizações dos dissidentes em nova sigla.

Os dirigentes do PMDB paulista explicam que o simpósio tem o objetivo de "balançar o partido para sair do marasmo", procurando segurar os dissiden-

tes com a discussão de um novo programa partidário. Só não sabem se os senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas estarão na legenda até esta data para serem convidados a participar dos painéis. Mesmo se estiverem, os dois poderão comparecer a outro seminário que acontecerá no mesmo período para discutir o programa e o estatuto do novo partido.

Quando ao senador Mário Covas, o governador não tem por enquanto as mesmas restrições. O relacionamento entre os dois ainda é harmonioso. Tanto isso é verdade que os dois covistas continuam ocupando as secretarias de Habitação e Negócios Metropolitanos, apesar das suspeitas de que o senador já esteja de malas prontas para o novo partido dos dissidentes. Covas acha que os secretários devem continuar trabalhando enquanto o governador não tomar qualquer iniciativa de destituí-los. Mesmo que ele deixe o PMDB, acredita que será possível manter um acordo para participar do governo paulista, assim como o PFL.

Mas se a grande festa política de Quercia não tiver a presença dos dois senadores, poderá contar com a participação de políticos italianos e espanhóis ligados a social-democracia. Os sete painéis tratarão de temas sobre a economia brasileira, a política externa do País, a soberania nacional, o balanço da Constituinte, a situação externa e interna do PMDB.



Borges e Dias: uma aliança objetiva

No Paraná, muitos mudam seus rumos

LUIZA TARANTO Correspondente

Curitiba — O PMDB do Paraná reflete a confusão e o desencontro que transparece na ação do partido a nível nacional. Também aqui, o partido possui múltiplas lideranças, algumas aproximadas, outras aliadas e outras totalmente antagonistas. O outrora moderado senador José Richa, por exemplo, tornou-se líder do grupo mais radical, abominou suas origens no neysmo — corrente liderada pelo ex-senador Ney Braga — e se aproximou dos grupos políticos mais à esquerda.

De outro lado, o governador Alvaro Dias, eleito com o apoio unânime do PMDB paranaense, cada vez mais se distancia do senador Richa. Mas, mantém-se em uma interessante posição de equilíbrio dentro do partido, sem romper com os grupos mais à esquerda, tentando viabilizar-se igualmente junto aos segmentos mais conservadores.

Alvaro Dias rompeu com José Richa desde o seu primeiro dia fente ao Palácio Iguaçu e, desde então, entabulou uma aliança estreita com o grupo do extinto Partido Popular — muito influente no Paraná — sob a liderança do ex-governador Jayme Canet Júnior.

Esta aliança é tão estreita que o principal aliado do governador Alvaro Dias e que desponta como a terceira liderança paranaense, é justamente o ministro Borges da Silveira, originário do extinto PP. Borges e Alvaro trabalham em per-



Richa diz que o Neysmo são águas passadas

PMDB busca substituto de Covas

Ulysses pensa em Ibsen para que o Centrão não ganhe mais espaço

EUGENIO NOVAES



Ibsen (centro) pode ser o líder do PMDB na Constituinte, impedindo que Sant'Anna (dir) ganhe espaço

Conservadores podem isolar até Ulysses

O deputado Nilson Gibson (PMDB-PE), vice-líder do governo na Câmara, garantiu ontem que o grupo do PMDB que apóia o presidente José Sarney e que está "sob a condução do líder Carlos Sant'Anna" irá apresentar uma chapa na Convenção Nacional do partido, "sob a orientação" dos governadores ligados a Sarney. Segundo Gibson, se o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) deseja continuar na presidência do partido deve vincular-se "aos políticos que têm uma posição de centro, são maioria e vão tomar conta do PMDB."

Doutor Ulysses tem que decidir se vai participar da nossa chapa ou da chapa de esquerda. Se tivermos o maior percentual de votos, e Ulysses integrar a nossa chapa, será o presidente da executiva. Mas se ele fizer a opção pelo outro lado, vai perder o diretório. A nossa opção é o dr. Ulysses — acrescentou — porque ele é o símbolo da redemocratização no País. Gibson disse também que o líder do PMDB na Câmara, deputado Ibsen Pinheiro (RS), deve acompanhar a chapa "de centro", sob pena de perder o cargo: — Se Ibsen não estiver conosco, ele cai — sentenciou.

O vice-líder afirmou ainda que seu grupo tem grandes nomes, e não irá permitir que as esquerdas — "que serão minoria como sempre foram" — dominem o PMDB. Ele confia na vitória da chapa "de centro" a partir de dois dados: a maioria dos governadores apóia Sarney, e o número de deputados do PMDB que dão sustentação política ao presidente supera, com 32 a 40 votos de diferença, o número daqueles que se opõem ao atual governo.

Esquerda não desistiu da sigla

A corrente de esquerda do PMDB, liderada pelos deputados Hélio Duque e Francisco Pinto, anuncia que vai bater chapa na Convenção Nacional do dia 21 de agosto. O interesse é provocar logo um confronto com a direita e demais forças conservadoras que invadiram as hostes do partido para descobrir qual a facção que, efetivamente, tem maioria para controlar as decisões partidárias.

Duque e Francisco Pinto já antecipam a intenção de deixar o PMDB e a chapa que apresentarem por derrotada na Convenção Nacional de agosto. Essa facção, que se insurgiu contra a decisão de Mário Covas e seus companheiros de abandonar o PMDB, quer partir para um confronto com a direita e os conservadores a fim de descobrir quem conta com a maioria, mas o objetivo é expurgar o partido dos que desrespeitam seu ideário.

Até hoje, não ficou muito claramente definido esse ideário do PMDB. O programa, que unia a grande frente que combateu a ditadura, é um primor de generalidades. Foi feito sob medida para unir todas as tendências ideológicas que se animavam do propósito de combater a regime autoritário.

Nos seus 17 anos de domínio absoluto no partido, Ulysses teve a permanente preocupação de evitar o debate formal de temas que provocassem divisões ideológicas. Ele tinha a consciência de que o partido se dividiria ao meio se colocasse em discussão, por exemplo, o grau de intervenção do Estado na economia.

Os deputados Francisco Pinto e Hélio Duque fizera-

ram um apelo a Mário Covas e seus companheiros para que não saiam agora do PMDB, aguardando até 21 de agosto para que se tenha condições de disputar o controle do partido. O aparecimento dessa facção constitui uma clara ameaça à liderança do veterano Ulysses Guimarães.

Ulysses, alguns dos governadores mais importantes e seus aliados serão obrigados a marchar para uma posição de direita, se forem ao confronto com essa corrente de esquerda. Essas lideranças já foram convocadas por Ulysses para um encontro. Ensnobaram, marcando reunião para a próxima quarta-feira, quando o presidente do PMDB estará em viagem no redemônio que o atalha sobre o mandato de Sarney convocará na Constituinte.

Hélio Duque e Chico Pinto asseguraram que não serão envolvidos na conversa do Dr. Ulysses para não baterem chapa na Convenção do dia 21 de agosto. Estão convencidos de que esta é a única maneira de definir de uma vez por todas se o PMDB se descaracterizará por completo, mergulhando no fisiologismo, ou se poderá ser recuperado para a história.

Duque considera um acinte ao partido que um de seus integrantes, o deputado Nilson Gibson, que foi porta-voz freqüente do regime autoritário, tenha subido à tribuna para encaminhar a votação do decreto-lei presidencial que congelou por dois meses a URP do funcionalismo. Como acha absurdo que estivesse por trás coordenando as manobras em favor "da punição ao funcionalismo" um líder do Governo que pertence formalmente aos quadros do

PMDB, o Sr. Carlos Sant'Anna.

Políticos da cúpula do PMDB não acreditam que essa corrente se desvincule dos seus interesses estaduais para assumir uma posição de absoluta independência em relação aos governadores. A idéia é de que Waldir Pires, da Bahia (caso de Chico Pinto), Alvaro Dias, do Paraná (caso de Hélio Duque), entre outros governadores, terão condições de conter os impulsos do grupo.

Hélio Duque assegura, com o apoio de Francisco Pinto, que não cederá diante das pressões, mantendo a decisão de ir ao confronto com a direita do partido. Os políticos conservadores mais lúcidos, como Expedito Machado, desaconselham esse conflito, argumentando que subsistem divergências ideológicas em partidos democráticos dos países mais avançados do mundo.

O Deputado Ulysses Guimarães quer se reeleger presidente do PMDB e sofre ameaças à direita e à esquerda. Os conservadores haviam anteriormente anunciado pela voz do mesmo Expedito, que desejavam influir na recomposição do Diretório Nacional e, por extensão, da Comissão Executiva. Há a sensação de vácuo que a dissidência de Covas provoca e, agora, a ameaça da corrente liderada pelos deputados Francisco Pinto e Hélio Duque.

Todo o empenho de Ulysses e seus amigos, incluindo ministros de Estado, estará voltado para evitar que a nova esquerda cumpra a promessa de bater chapa na Convenção. Ulysses não quer se confundir com a direita do PMDB. E nem lhe interessa esse la-

diante da convicção de que o senador Mário Covas já está com o seu rumo traçado, ou seja, ele pretende abandonar o PMDB logo depois de aprovado pelo mandato de cinco anos, Ulysses e seus companheiros de cúpula partidária começaram a tramar a indicação do deputado Ibsen Pinheiro, atual líder da bancada na Câmara, para substituir o senador paulista na liderança na Constituinte.

A manobra destina-se a preparar o substituto para a eventualidade de um ato inesperado de Covas, evitando, assim, que o lugar venha a ser pleiteado por um político do PMDB marcadamente comprometido com o Centrão e a direita. O deputado Ibsen Pinheiro tem origem na ala progressista do PMDB e goza, hoje, da confiança de Ulysses e seus companheiros.

Alguns dos parlamentares que cercam Ulysses com mais freqüência tiveram a oportunidade de verificar pessoalmente que o senador Mário Covas tomou a sua decisão. O líder do PMDB na Câmara, Ibsen Pinheiro e os deputados Generaldo Correia e Cid Carvalho, seus vice-líderes, reuniram-se com Covas até quase 23 horas de quinta-feira para uma troca de impressões e informações a respeito do partido e do líder que ameaça deixá-lo.

Ibsen, Cid e Generaldo disseram a Covas que ele tinha se imposto ao respeito do País, acumulara grande capital político quando arrancara, praticamente com um discurso, a escolha consagrada para líder na Constituinte. Ameaçara desperdiçar tal capital quando se isolou em um gueto, com o grupo mais à esquerda, no início do trabalho constituinte. Posteriormente, Covas verificou o erro e corrigiu-o, passando a comandar entendimentos que haverá de dar ao PMDB a honra de influir na nova Carta.

Os três políticos disseram a Covas que ele poderia se transformar em candidato natural do PMDB a Presidente da República, em face do respeito que granjeou no meio político e no País. O partido poderia se ver na contingência de recorrer à seu nome como única alternativa eleitoralmente viável, tendo em vista a perspectiva que se forma de um candidato populista mais à esquerda, Leonel Brizola, e um candidato populista, mais à direita, Jânio da Silva Quadros.

Lembrou-se ao Sr. Mário Covas que o Brasil transformou-se, em 40 anos, de País eminentemente rural, em País eminentemente urbano. Nas tendências desse eleitorado urbano influem grandemente os meios de comunicação, principalmente eletrônicos, o que obrigará os partidos a apresentar can-

didatos que tenham apelo como ele, Covas. Cid Carvalho afirmou que Juracy Magalhães foi praticamente destronado da condição de candidato, em 1960, quando a UDN verificou que, com ele, não teria condições de ganhar a eleição. Lacerda e os bacharéis da Banda de Música marcharam para Jânio, mesmo odiando-o, para ter a chance de ganhar a eleição e conquistar finalmente o poder.

Covas tomou a palavra para dizer que havia construído sua carreira no PMDB, do qual se orgulha de ser um dos fundadores. Antes, era membro de uma das legendas de aluguel que existiam nos idos de 64, o PST. Experimentou a luta no MDB e depois no PMDB. Sua decisão de sair do partido não é causada por problemas eleitorais. Pelo contrário, estes, sabe muito bem, o aconselhavam a escolher outro destino — o de permanecer.

Sua opção não é também motivada pelo problema paulista. Outros, como Fernando Henrique, podem ter problemas até de convivência pessoal com Quercia, ele não, pois se julga creder do atual governador de São Paulo. Quando Quercia lançou-se candidato, as bases do PMDB, em sua maioria, disseram que a vez era de Montoro.

Na sucessão de Montoro, Covas disse que abriu mão da candidatura a vice-governador para facilitar as composições com Quercia. Quando veio finalmente a sucessão de Montoro, as bases indicaram o próprio Quercia como candidato ("era a vez dele"), disseram, em uníssono. Explicou que tem uma relação de amor e ódio com Ulysses, uma relação que poderia lembrar o termo incestuoso, embora esta seja uma força de expressão.

O que o leva a deixar o PMDB é que o partido desgarrou-se de sua tradição, descaracterizou-se, envolvido na enxurrada de adesões de políticos que nada tinham e nem têm nada a ver com as origens do partido. A divisão do PMDB entre os que apóiam incondicionalmente o Plano e os que lhe combatem deveria ter conduzido o Governo Sarney a uma opção que favoreceria maior nitidez do quadro político-ideológico.

Se, a partir da definição de uma metade do partido por seu Governo, Sarney tivesse fixado um rumo, quem sabe se o destino do PMDB não seria outro? — sublinhou Covas. Como isso não ocorreu, a indefinição foi mortal para o PMDB. A ele, Covas, não resta outra alternativa. O senador concluiu a conversa dizendo que seu rumo já está traçado, mas procurando mostrar-se grato pela conversa franca que teve com os amigos de Ulysses, disse que os procuraria se tiver de rever a sua posição.

Hora da saída já divide

O senador Mário Covas já decidiu quando vai efetivamente deixar o PMDB, mas enquanto ele reserva sua opção a apenas dois ou três parlamentares do seu círculo mais íntimo, grupos peemedebistas tentam persuadi-lo a abandonar a legenda nas ocasiões que julgam mais aconselháveis. Uma corrente quer que o líder espere a promulgação da nova Carta e outra pressiona para que o senador diga adeus ao PMDB assim que o plenário confirme o mandato de cinco anos para o presidente Sarney.

Os mais imediatistas alegam que a pregação insistente pelos quatro anos feita por Covas o obriga a tomar uma decisão logo após a votação do mandato. Para outros peemedebistas, no entanto, a liderança do senador

será fundamental para evitar uma devassa centrista a eliminar partes do texto aprovado pelos progressistas no segundo turno das votações da Constituinte.

Os que advogam a permanência de Mário Covas até a assinatura da nova Constituição temem também que a saída do líder implique na renúncia de Fernando Henrique Cardoso da liderança no Senado. Esse ato se refletiria na perda de posições importantes em comissões técnicas e CPIs para o PMDB.

Um parlamentar que espera para se filiar ao novo partido assegura que Covas sairá logo após a decisão do mandato, num repente atribuído por muitos às pressões insistentes dos deputados Euclides Scalco e Pimentada Veiga.

Senador identifica o PMDB real

O PMDB nunca deu tanta mostra de que, finalmente, está definido como partido. Quem tinha tendências radicais, optou pela aproximação com partidos de esquerda como o PT, PDT e PSB. Quem tinha tendências moderadas ou direitistas descambou para os lados do Centrão. O míolo, que perfaz entre 160 e 180 parlamentares, forma o verdadeiro PMDB. E a convenção nacional de 21 de agosto próximo é que definirá a tendência natural do partido: a ruptura com o governo do presidente José Sarney. Na opinião do senador Márcio Lacerda, do PMDB do Mato Grosso, ao formular este conceito, o seu partido foi forçado a uma definição interna a partir do momento em que o governo do presidente Sarney deixou de ser um governo de transição, provocando a implosão da Aliança Democrática e

prejudicando o próprio processo de transição. O senador matogrossense — que integra o grupo interessado em soerguer o partido — entende que essa busca de definição partidária se intensificará ao término da elaboração da Constituição. O PMDB, segundo ele, já vem dando mostras dessa definição, pautando-se na doutrina de seu projeto partidário. Exemplo dessa realidade é o comportamento do partido na Assembleia Nacional Constituinte. O partido teve, durante esse período, uma ruptura da esquerda que passou a trabalhar com os representantes do PT, PCB, PSB e PDT nas votações em plenário. Além disso, o comportamento do partido "nos permite demonstrar na prática que já está rompida de fato, a frente com a direita na Assembleia Constituinte". Márcio Lacerda acrescenta que pelo menos um

terço do partido vota sistematicamente com as teses conservadoras e do Centrão. O senador observa que em todas as votações importantes o partido vem mantendo um grau de coerência de pelo menos 60 por cento, com a aprovação de teses progressistas e que são responsáveis pelos grandes avanços obtidos na futura Constituição. Esses resultados se espelham na fidelidade ao partido de um grupo definido, que forma as bases do verdadeiro PMDB. Márcio Lacerda considera de fundamental importância a convenção nacional a 21 de agosto, quando o PMDB poderá sair solidificado como partido. "O que está em jogo não é o acervo partidário mas toda uma história de militância, coesão e senso, para quem a convenção será a oficialização e transformação de uma frente de resistência em partido político.